

UM FUTURO LIVRE E RADIOSO

Uma Defesa Apaixonada da Humanidade

Paul Mason

UM FUTURO LIVRE E RADIOSO

Uma Defesa Apaixonada da Humanidade

Tradução de
MANUEL MARQUES



À memória da minha mãe, Julia Lewis (1935-2017)

A experiência da minha vida [...] não só não destruiu a minha fé no futuro radioso da humanidade, mas, pelo contrário, conferiu-lhe uma robustez indestrutível.

LÉON TROTSKI¹

Índice

| | |
|--|-----|
| Introdução | 11 |
| PRIMEIRA PARTE | |
| Os Acontecimentos | 15 |
| 1 Dia Zero | 17 |
| 2 Uma Teoria Geral de Trump | 34 |
| SEGUNDA PARTE | |
| O Eu | 63 |
| 3 Criar um Eu Neoliberal | 65 |
| 4 Telegramas e Cólera | 93 |
| 5 A Rotura | 111 |
| 6 O Caminho para o Quequidão | 128 |
| 7 Não Basta Ler Arendt | 159 |
| TERCEIRA PARTE | |
| As Máquinas | 175 |
| 8 Desmistificar a Máquina | 177 |
| 9 Porque Precisamos de uma Teoria dos Humanos? | 200 |
| 10 A Máquina Pensante | 218 |
| 11 A Ofensiva Anti-humanista | 249 |
| 12 A Insurreição do Floco de Neve | 283 |

QUARTA PARTE

| | |
|---------------------------------------|-----|
| Marx | 305 |
| 13 Quebrar o Vidro | 307 |
| 14 O que Resta do Marxismo? | 327 |

QUINTA PARTE

| | |
|---|-----|
| Alguns Reflexos. | 355 |
| Interlúdio... | 357 |
| 15 Retomar o Futuro Cancelado. | 360 |
| 16 Reagir ao Perigo. | 373 |
| 17 Recusar o Domínio da Máquina. | 385 |
| 18 Rejeitar os Pensamentos de Xi Jin Ping | 400 |
| 19 Nunca Desistir | 411 |
| 20 Viver a Vida Antifascista. | 425 |
| | |
| Notas. | 436 |
| Agradecimentos | 462 |

Introdução

Ao terminar a leitura deste livro, quero que o leitor faça uma escolha. Vai aceitar o domínio das máquinas sobre os seres humanos, ou resistir-lhe? E se a resposta for resistir, com que fundamento defenderá os direitos dos humanos contra a lógica das máquinas?

No século XXI, a espécie humana confronta-se com um novo problema. Graças à tecnologia da informação, impuseram-se enormes assimetrias de conhecimento, o que resultou em enormes assimetrias de poder. Usando os ecrãs dos nossos dispositivos inteligentes, tanto grandes companhias como governos estão a tornar-se especialistas em exercer domínio sobre nós por meio de algoritmos. Sabem o que andamos a fazer, em que pensamos, são capazes de prever as nossas próximas acções e influenciar o nosso comportamento. Quanto a nós, nem sequer temos o direito de saber minimamente que isto se está a passar.

E é precisamente este o pesadelo do presente. No futuro, à medida que se desenvolver a inteligência artificial, tornar-se-á muito fácil para nós perder completamente o controlo das máquinas da informação.

Um algoritmo é simplesmente o conjunto de instruções, criado para resolver um problema, concebido e programado por um humano. Por exemplo, quando mostro o meu passaporte, o controlo de fronteira sabe que deve deixar-me passar se as

minhas impressões digitais corresponderem às que estão em arquivo; se não for esse o caso, sou detido para interrogatório.

Um programa de computador é um algoritmo que se executa sem intervenção humana. Num certo sentido, é apenas a mais recente realização num longo processo de automação. Nos últimos duzentos anos, uma das nossas estratégias mais bem-sucedidas tem sido deslocar os trabalhadores para a margem do processo industrial, fazer deles observadores, em vez de controladores, atribuindo às máquinas uma autonomia temporária e limitada. O que fazemos com computadores e redes de informação é apenas uma extensão do que fazíamos com moinhos de vento, máquinas de fiar algodão e o motor de combustão. Porém, a partir do momento em que as máquinas podem fornecer instruções a si mesmas, o risco é que a humanidade fique permanentemente à margem, renunciando ao controlo.

Milhões de pessoas estão conscientes dos perigos do controlo algorítmico. Supõem, contudo, que se trata de um problema que deve ser resolvido por uma comissão de ética, uma conferência sobre tecnologia, uma revista científica... ou até pela próxima geração. Na verdade, está intimamente ligado às inadiáveis crises económica, política e moral, que estamos agora a viver.

E eis a razão.

Suponha que eu lhe dizia que havia uma máquina que podia gerir o país melhor do que o governo, pensar de forma mais lógica do que qualquer ser humano individual e funcionar de forma autónoma. Suponha que eu lhe pedia para entregar o controlo de todas as decisões importantes da sua vida a essa máquina. Suponha que eu dizia que o leitor seria mais feliz se alterasse o seu comportamento para antecipar o que a máquina decide. Espero que desdenhe totalmente esta ideia.

Experimente, porém, substituir a palavra «máquina» pelo termo «mercado». Durante três décadas, milhões de pessoas

consentiram que as forças do mercado governassem as suas vidas, moldassem o seu comportamento e se sobrepusessem aos seus direitos democráticos. Há até uma religião dedicada ao culto do poder e do controlo desta máquina — chama-se economia.

Ao elevar o mercado ao estatuto de guia espiritual autónomo e sobre-humano, durante os últimos trinta anos, preparámo-nos potencialmente para aceitar o controlo da máquina algures no decurso dos próximos cem anos.

Ao longo da era do mercado livre, aprendemos a celebrar a sujeição dos seres humanos às forças do mercado. Lidámos com conceitos como cidadania, moralidade e «arbitrio» (o poder de agir) como se fossem irrelevantes para o funcionamento do mundo, que agora era dirigido apenas pelas opções dos consumidores e a engenharia financeira.

Todavia, hoje o sistema do mercado livre implodiu. A lógica do egoísmo, da hierarquia e do consumismo já não funciona. Em consequência disso, a religião do mercado deu lugar a deuses mais antigos: racismo, nacionalismo, misoginia e a idolatria de ladrões poderosos.

À medida que nos aproximamos da década de 2020, uma aliança de nacionalistas étnicos, homens que odeiam mulheres e líderes políticos autoritários estão a despedaçar a ordem mundial. O que os une é o seu desdém pelos direitos humanos universais e o seu medo da liberdade. Adoram a ideia do controlo pela máquina, e, se lho consentirmos, usá-la-ão agressivamente para se manterem ricos, poderosos e inimputáveis.

Não é demasiado tarde para conter o caos e a desordem, para deter a tentativa de impor novas hierarquias biológicas baseadas na raça, no género e na nacionalidade, nem para recusar o controlo da máquina. Porém, os argumentos para nos rendermos a essas coisas envolvem-nos de todos os lados.

A ideia de que «a humanidade já acabou» está profundamente impregnada no pensamento moderno, da direita alternativa (*alt-right*) à esquerda académica. Não importa quanto cada um de nós, pessoalmente, está a tentar viver segundo «valores humanos»: o consenso — de Silicon Valley ao quartel-general do Partido Comunista Chinês — é que os valores humanos não têm alicerces; que não existe algo que corresponda à natureza humana, nenhuma base lógica para privilegiar os humanos sobre todas as máquinas, nenhuma fundamentação racional para direitos humanos universais.

Em retrospectiva, a ideologia do mercado livre parece a droga de entrada para um anti-humanismo arraigado. E estamos prestes a descobrir quão nociva pode ser esta droga mais dura.

«Competir e adquirir» era o primeiro mandamento da religião do mercado livre. Na era da desglobalização e do nacionalismo de direita, tornar-se-á: competir, adquirir, mentir, controlar e matar. Se não pusermos a nova tecnologia das máquinas inteligentes sob o controlo humano, e não as programarmos para realizar valores humanos, os valores pelos quais serão concebidas serão os de Putin, Trump e Xi Jin Ping.

Assim, escrevi este livro como um acto de desafio. Quando o tiver lido, espero que seja o próprio leitor a encetar actos de desafio, que podem ir da deposição de ditadores à criação de projectos de cariz humano no seu bairro, ou à simples oposição à lógica da máquina na sua vida quotidiana.

Para resistir eficazmente, precisamos de uma teoria da natureza humana que possa sobreviver em conflito com a economia do mercado livre, o culto da máquina e o anti-humanismo da esquerda académica.

Precisamos, em suma, de uma defesa radical do ser humano.

PRIMEIRA PARTE

Os Acontecimentos

O que a turba queria, e o que Goebbels exprimiu com grande exactidão, foi o acesso à história, nem que fosse com o custo da destruição.

HANNAH ARENDT¹

Dia Zero

Ross passa por mim a correr, com a câmara a filmar. Dá-me uma palmadinha no ombro e começa a falar, mas eu aponto para a *GoPro* presa ao meu capacete com fita adesiva e formulo em silêncio a expressão «em directo» — o que significa «não digas nada que nos possa incriminar». Da última vez que filmámos juntos um motim foi em Istambul. Isto é diferente.

Segundos depois é Brandon quem me saúda batendo com a palma da mão na minha, ao infiltrar-se pelo caos, também a filmar. Temos cruzado o mundo dos motins desde 2011: Cairo, Atenas, Istambul. Estendemos as mãos que não estão ocupadas com a câmara e apertamos os dedos por um milissegundo. Há montras a serem partidas. Foi incendiado um SUV. Estrépitos e clarões fustigam a atmosfera e o gás lacrimogéneo anda à deriva.

Cerca de um milhar de jovens, com máscaras e trajados de preto, enxameiam a cidade com a polícia antiotim no encalço. E, por perfeita coincidência, encontramos-nos nestes poucos metros quadrados de campo de batalha urbano: eu, Ross e Brandon, veteranos na filmagem de países que estão num descabro.

A data é 20 de Janeiro de 2017. O lugar, Washington, DC. A guerra social que tem grassado nas margens do sistema global acabou de chegar ao seu centro. Estamos a dois quarteirões da Casa Branca. A presidência de Donald Trump iniciou-se há um minuto.

Com o tumulto a ganhar ímpeto, a polícia não sabe o que fazer: os seus elementos são treinados para situações em que as pessoas lhes obedecem ou são alvejadas. Hoje, nem os tiros nem a obediência são possíveis. Então, correm esbaforidos atrás dos manifestantes, com os corpos sobrecarregados por equipamento inútil e inflados pelo estilo de vida da indolência militarizada. Quando uma rapariga que empurra uma bicicleta tropeça, derubando acidentalmente três polícias, alguns precipitam-se para a sovar com bastões, e à própria bicicleta, enquanto outros a tentam ajudar a levantar-se. A banda sonora é a típica música de motim: megafones da polícia; rádios a crepitar com ordens tomadas de pânico; o vidro da montra de uma *Starbucks* a estilhaçar; jovens americanos a entoar «EUA sem fascismo!»

Por fim, os polícias atacam, com o gás lacrimogéneo a ser vomitado pelas suas mangueiras de meia polegada. Em lugar de fugir, alguns jovens com passa-montanhas pretos formam uma cunha compacta, abrindo guarda-chuvas pretos horizontalmente para protecção, e arremetem contra a linha da polícia. Um manifestante, sem máscara, está estendido de borco no alcatrão, enquanto um polícia o ataca com um *taser*. Tem cerca de vinte anos e cabelo loiro encaracolado; o seu rosto não denuncia sequer um laivo de medo. Olha para o polícia, as objectivas das câmaras convergem para ele, que declara calmamente: «Que se foda o Donald Trump. Que se foda o Donald Trump.»

Com o motim a fragmentar-se, os polícias iniciam a perseguição a pequenos grupos pela cidade. Tudo se intensifica: passamos a correr pelo American Development Bank, pelo Joe's Stone Crab, pelos quarteirões de escritórios sem alma onde trabalham os lobistas de Washington. E, enquanto corremos, este gesto de fuga desorientada de um inimigo vagaroso e irreflectido — pela paisagem dilacerada da normalidade — faz-me lembrar qualquer coisa do cinema. Porém, não consigo situá-lo.



Na noite anterior à tomada de posse de Trump, conheci um agricultor de 72 anos do Tennessee. «Que é que acha disto?», pergunta-me, a apontar com o queixo para as palavras «Fuck Trump», traçadas a giz no chão de Franklin Square. Veste uma grossa camisa vermelha de *cowboy* e exhibe uma expressão pesarosa. De olhar posto nos manifestantes, que se congregaram em torno de uma banda de *trash metal*, murmura: «Não querem trabalhar. São um nojo.» O que é estranho, porque a maior parte dos manifestantes é nitidamente composta por jovens de classe média com cursos superiores e empregos.

«Sabe quanto é que isso custa?», prossegue. «Cinquenta dólares por um boné de basebol. Cento e cinquenta por um par de ténis.» Mais uma vez, o seu comentário parece estranho, porque — tratando-se sobretudo de anarquistas — quase nenhum dos manifestantes enverga bonés de basebol ou sapatos desportivos de marca. «Tudo o que querem é di-nheiro», pronuncia a última palavra como um queixume, percutindo a palma da mão estendida como um mendigo. O rosto contrai-se-lhe como se tivesse cheirado dejectos.

E só agora me apercebo. Ele não está realmente a ver os manifestantes, mas — no olhar do seu espírito — as pessoas que lhe fazem lembrar: os negros pobres do Tennessee. «Vemo-los sair do supermercado...» — os seus olhos endurecem e ficam protuberantes de cólera — «*t-shirt* branca, vinte dólares, ténis, cento e cinquenta...» É um perito no preço do vestuário que as pessoas negras usam.

Quando tento contrapor, o seu cérebro comuta para outro assunto: alterações climáticas, que acredita serem uma fraude. «As vacas peidam-se», exclama, «e agora dizem que tenho

de pagar uma taxa pelo metano?» Conta-me que por baixo do Antártico existe uma floresta tropical fossilizada onde se encontram esqueletos de camelos, e que isso prova que a mudança climática é temporária. «Tudo se repete eternamente.»

Com Washington a encher-se de gente para a tomada de posse, encontro indivíduos como este em cada esquina. Donald Trump deu-lhes força e os meios de comunicação estado-unidenses permitiram-lhes dar largas ao que mais querem alardear — o ódio. Enquanto sucessivos racistas cheios de autocomiseração descarregam em mim as suas histórias, torna-se muito claro aquilo com que estamos a lidar — pessoas que perderam o seu poder para a lógica dos computadores, mas para quem todas as pequenas injustiças e adversidades da vida estão ligadas a uma ameaça imaginária que representam os negros, os homossexuais e as mulheres emancipadas.

É-nos pedido por comentadores liberais que compreendamos o que motiva esses indivíduos: a economia que os empobrecceu e a mudança social que os desorientou. É-nos pedido que nos solidarizemos com as vidas insatisfeitas que levam entre motéis e viadutos do Midwest.

Prefiro uma forma de compreensão mais severa, chamada razão, lógica e ciência.

Quando me pedem que compreenda os problemas da «classe trabalhadora branca», respondo, com a convicção de alguém nascido branco e criado numa dura cidade inglesa de mineiros do carvão: não existe. «Classe trabalhadora branca» é uma identidade forjada pelos ricos para oprimir gente pobre, tal como as identidades «*coolie*»¹ e «selvagem» foram forjadas por colonos para justificar o tratamento desumano das suas vítimas.

¹ Designação desdenhosa para trabalhador assalariado asiático. (N. do T.)

Encaremos o problema. Se se quiser paz, liberdade e justiça social, gente como o Fulano do Camelo Antártico é nossa inimiga. Põem um homem no poder da nação mais poderosa da terra que é racista e foge aos impostos, e que se gabou de «agarrar mulheres pela rata». Ao fazê-lo, tentaram intencionalmente destruir o sistema multilateral conhecido por globalização, inverter cinquenta anos de progresso nos direitos para as minorias e as mulheres, e substituir o estado de direito por uma dinastia cleptocrática.

E essas pessoas estão numa atitude ofensiva em todos os continentes. Há os manifestantes da Oração Patriota em Portland, Oregon, a pedir que as cabeças dos imigrantes sejam «esmagadas no betão»; há os provocadores do Partido AK, que governa a Turquia, a enviar ameaças de violação coordenadas a jornalistas do sexo feminino; há turbas a atacar marchas do Orgulho Gay na Rússia e os neonazis que fazem jorrar retórica islamofóbica do pódio do Bundestag alemão. Na Índia, estão entre os «vigilantes da vaca» que lincham muçulmanos, enquanto o primeiro-ministro Narendra Modi — o Trump hindu — se recusa a mexer um dedo. No Brasil, são a infantaria de Jair Bolsonaro, o presidente fascista eleito em 2018, que disse de uma adversária feminina que «não merece ser violada» e aventou que os *quilombolas* negros, os descendentes dos escravos africanos revoltados, «não servem nem para procriar».

Num plano mais alargado, o seu lixo mental está a poluir o pensamento e as cronologias das redes sociais dos indivíduos racionais em todo o mundo.

Os técnicos de sondagens baptizaram o seu quadro mental como «populismo autoritário»¹. Estão unidos na oposição aos direitos humanos, que vêem como direitos para outros; à imigração, que vêem como poluidora da «sua» cultura; e a todas as formas de multilateralismo na política e economia globais,

que vêm como uma restrição à acção de um estado justificadamente repressivo. Se isso fosse tudo em que acreditam, podíamos convencer-nos de que se trata apenas de uma vaga passageira do tipo de sentimento reaccionário que se deixa sempre entrever nas sociedades em rápida transformação.

Porém, há algo mais profundo em curso: uma hostilidade para com a ciência, a lógica e a racionalidade, que têm sido os valores orientadores das sociedades baseadas no mercado dos últimos 500 anos. Como veremos, quer os activistas da direita alternativa o compreendam totalmente quer não, este ataque à razão foi antecipadamente teorizado por um sector da elite em crise.

A investida da estupidez instruída na política global é tanto mais aterradora porque está a ter lugar no período mais rico em informação da história. Temos de compreender esta situação e conceber maneiras de persuadir tantas pessoas de espírito conservador quanto possível a adoptar a racionalidade, a contenção e as normas do comportamento democrático.

Todavia, naquilo em que não podem ser persuadidos, temos de lhes resistir. Declararam guerra à definição de políticas fundamentadas em provas, à prudência e a um sistema global baseado em regras em lugar de força bruta. Aqueles que querem defender estes valores têm de ripostar.

Para esse fim, temos de nos armar com mais do que apenas factos. Como escreveu o filósofo, Tzvetan Todorov, precisamos de analisar a luta contra o totalitarismo no século xx, tanto em termos de esperança como de memória. Porém, recordar o quê e ter esperança em quê?

Não foi assim há muito tempo, no começo da década de 1990, que indivíduos perfeitamente racionais acreditavam que a história chegara «ao fim» e que a democracia liberal

e o capitalismo do mercado livre eram estados de perfeição, impossibilitando futuras convulsões.

Essa ilusão desfez-se a partir de 2008. A crise financeira desencadeada pela falência da Lehman Brothers mergulhou em espiral numa crise de legitimidade do sistema de mercado livre, que agora se transformou num ataque à democracia e aos direitos humanos e está a criar novas tensões no sistema geopolítico.

Trump governa os Estados Unidos da América. O Brexit detonou o desmembramento da União Europeia. As redes sociais transbordam de anti-semitismo, islamofobia, fantasias de supremacia branca e vitimização masculina. Na Turquia, centenas de jornalistas estão presos. Nas Filipinas, o presidente regozija-se com o trabalho de esquadrões da morte. A guerra na Síria, que principiou com adolescentes a garatujar *graffiti* contra Bashar al-Assad, fez 470 mil mortos e deslocou 10 milhões de pessoas². A China está a preparar-se para, no decurso da próxima década, colocar os seus 1,4 mil milhões de cidadãos sobre vigilância e controlo digitais absolutos³. Não se trata de uma qualquer fantasia distópica de uma novela gráfica. É a realidade.

Como jornalista, costumava invejar as certezas dos meus colegas mais novos, que, nas universidades mundiais de elite, tinham aprendido que a era da crise sistémica terminara. Em contrapartida, eu passara a primeira metade dos meus vinte anos na Grã-Bretanha de Thatcher — um período de conflito, recessão e desintegração social. Segundo parecia, eles só conheciam um progresso espectacular, calmo e tecnocrático.

Actualmente, tenho pena deles. Estão a ser obrigados a assistir a acontecimentos dramáticos e impensáveis que se precipitam pelas suas cronologias noticiosas a cada manhã e para os quais não têm nenhuma teoria. Trump voa para Moscovo para tomar o partido de Putin contra o FBI. O respeitável partido conservador da Áustria, de um dia para o outro, troca uma aliança

com socialistas por outra com neofascistas. Na China, Xi Jin Ping rompe trinta anos de governo de consenso e apropria-se do poder total. Descobrimos que agências de informação privadas que nem sabíamos que existiam andam a manipular eleições em proveito de quem paga mais.

Como está a acontecer-nos em tempo real, e pode ser vista através dos dispositivos que andam nos nossos bolsos, esta nova desordem global está a criar uma reacção bipolar: hipersensibilidade ao caos, mas um estado de espírito de resignação quando se trata da possibilidade de lhe pôr cobro.

Quanto ao liberalismo, em tempos, a ideologia dominante no mundo ocidental, também ele se tornou bipolar. Entre as pessoas instruídas, é comum ouvir-se a expressão de uma euforia tecnológica a par do desespero geopolítico: presságios sombrios do que virá depois de Trump em simultâneo com planos de negócio que pressupõem um futuro verde com tecnologia de ponta e impulsionado pela automação. Questione-se esta atitude e o pressuposto é de que, mesmo actualmente, uma coisa chamada Quarta Revolução Industrial tudo corrigirá.

A presunção deste livro é que não será assim. Revelar o potencial de novas tecnologias para promover o bem-estar humano exige que reste algo de humano para defender. Contudo, cada uma das crises com que nos confrontamos — económica, geopolítica e tecnológica — está enraizada na erosão daquilo significa ser humano.

Desde a década de 1980, a ideologia do mercado livre atacou o nosso direito a possuir um ego que seja mais do que um conjunto de necessidades económicas. No momento em que a globalização se desfaz, a própria ideia de direitos que são universais e inalienáveis passou a ser alvo de ataque. Entretanto, a tecnologia começou a enfraquecer a nossa capacidade de agir de forma autónoma, livres do controlo e da vigilância digitais:

estamos cada vez mais submetidos a formas de controlo algorítmico que não estamos autorizados a ver nem a compreender.

Nada disto é casual. Como mostraremos neste livro, teorias de anti-humanismo declarado estão hoje mais fortes do que em qualquer momento dos últimos duzentos anos.

Não obstante o medo e a crueldade do presente, acredito que ainda podemos alcançar o que o revolucionário russo, Léon Trotski, chamou em tempos «o futuro límpido e radioso» da humanidade. No entanto, além de desmistificar as causas da crise económica e aprofundar a nossa compreensão da democracia, temos de defender o próprio conceito de humanidade e retirar dele novas conclusões práticas.

Depois de termos escapado à polícia no dia da tomada de posse de Trump, pensei naquilo que a cena me fazia lembrar: um filme de mortos-vivos. O primeiro filme desse género apareceu em 1932, mas os mortos-vivos continuaram a ser um nicho até aos anos de 1960⁴. Na maioria das fitas de *zombies*, o monstro é um homem negro das Caraíbas apostado em fazer razia entre as mulheres brancas. Não é difícil concluir com que medos esses filmes jogavam.

Só em *A Noite dos Mortos-Vivos* (1968) encontrámos o *zombie* moderno: um cadáver devolvido à vida, programado para matar seres humanos e devorá-los. Este novo tipo de monstro é simplesmente o nosso vulgar vizinho branco que enlouqueceu. Depois disso, o filme de *zombies* tornou-se global. Só em 2010, foram produzidos vinte e sete filmes de *zombies*, desde *Big Tits Zombie*, no Japão, até *Pai Natal Contra os Zombies*, nos EUA. O morto-vivo é agora um inimigo fundamental nos videojogos: o alvo previsível e apatetado que se multiplica tanto mais quanto mais o abatemos. Há convenções *zombie* de fim-de-semana; «passeios» *zombie*, onde as pessoas se disfarçam de personagens sangrentas

para angariar fundos para caridade. O *zombie* tornou-se uma alegoria; um contexto narrativo entendido por todos, cujas regras e convenções nos permitem seguir quaisquer outras ideias que contenha — percebemos assim filmes como *Kung Fu Zombie*, *Biker Zombies from Detroit*, *La Cage aux Zombies* e *World War Z*.

Por que razão estamos a investir colectivamente tamanho grau de concentração, emoção e energia mental em mortos-vivos? O que estamos a tentar dizer a nós mesmos e a respeito de nós mesmos?

As culturas humanas sempre elaboraram mitos e lendas a respeito de seres regressados da morte ou semi-humanos, geralmente como metáfora para alguma necessidade humana arreigada, mas o *zombie* é ímpar. Os *zombies* não são vampiros. O relacionamento entre vampiro e vítima é uma metáfora para a atracção sexual ilícita, além disso, pode discutir-se com um vampiro. Os *zombies* não são fantasmas. A metáfora por trás da história de fantasmas é o sofrimento, e os fantasmas não nos podem matar. Os *zombies* não são lobisomens; o lobisomem é uma metáfora para a doença mental ou a violência sociopata — e tornar-se um deles é temporário, ao passo que tornar-se um *zombie* é irreversível.

Em comparação com os monstros tradicionais do folclore ocidental, o *zombie* tem um superpoder que o situa numa classe só sua: é auto-replicante. Um lobisomem não irá dizimar Londres; um vampiro não despovoará a Transilvânia. Em contrapartida, um único *zombie* — através de um processo exponencial de matança ou infecção — pode destruir toda uma sociedade.

Qual é, então, o medo real e profundo em que a metáfora do *zombie* se apoia? A resposta mais provável é a seguinte: o medo de estarmos prestes a perder o que nos torna humanos — a nossa racionalidade, a nossa capacidade de discernir a verdade das mentiras, a nossa capacidade de ver outros seres humanos como membros

da mesma espécie, com direitos iguais aos nossos. O nosso arbítrio. A nossa liberdade.

Tais medos são racionais. Temos pela frente o maior ataque ao humanismo desde que foi formulado nos dias de Shakespeare e Galileu. Durante mais de quatrocentos anos, o humanismo teve um papel central nas ideias ocidentais de civilização, para o pensamento científico e para conceitos de progresso social. Contudo, desde finais do século XX, a oposição ao humanismo tem-se consolidado, ocorrendo de várias direcções em simultâneo.

A ameaça estratégica surge da tecnologia. É possível que, no decurso deste século, a inteligência artificial atinja um nível de sofisticação que exceda as capacidades de todos os cérebros humanos em conjunto. Ao mesmo tempo, a bioengenharia progrediu até ao ponto em que são possíveis modificações singulares em indivíduos e — se forem levantadas as interdições existentes — alterações irreversíveis no acervo genético da humanidade. A crença nestas possibilidades está a alimentar um forte anti-humanismo entre aqueles que pensam o futuro: um derrotismo a respeito do valor da individualidade humana; uma convicção de que o *Homo sapiens* é uma espécie destinada a desaparecer.

Em segundo lugar, desenvolvimentos na neurociência e na teoria da informação reforçaram a crença de que o nosso comportamento é incontornavelmente determinado; de que os nossos cérebros são apenas máquinas biológicas, «programadas» pelo seu ADN e modificadas somente pelo seu ambiente físico, no seio de um universo que, em si mesmo, parece ser cada vez mais o produto de um «computador» gigante. Embora as duas proposições sejam objecto de disputa no seio da própria ciência, os quiosques de livros nos aeroportos de todo o mundo estão repletos de *best-sellers* que ignoram os matizes e transmitem a mensagem directa: já somos autómatos incapazes de liberdade.